

DISPOSITIVOS

Alan Oju





Dispositivos, 2024

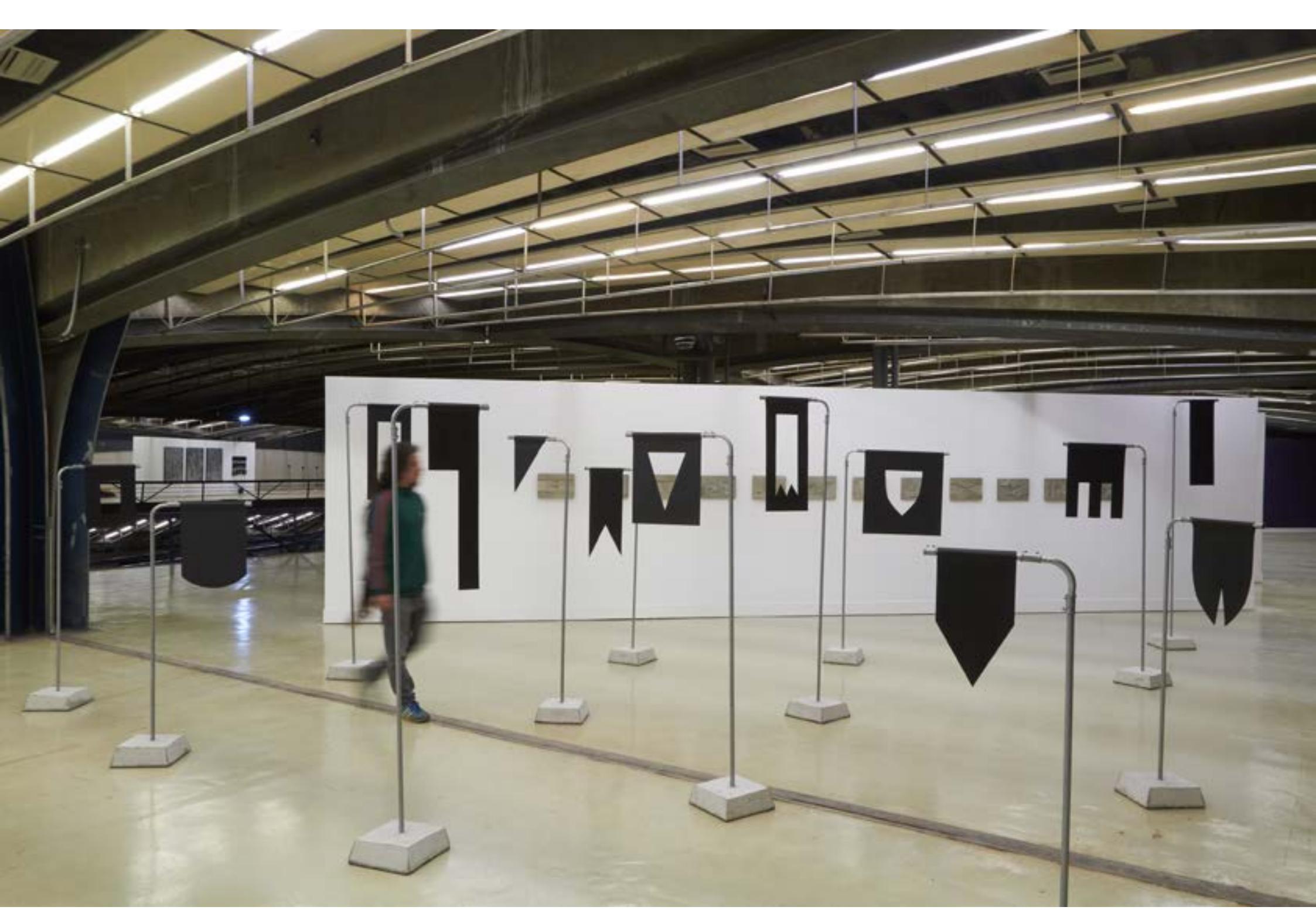
Concreto, eletrodutos e manta vinílica

Instalação composta por 13 esculturas - CCSP
2,33 x 6,00 x 5,00 metros (32 m² aproximadamente)













Pense ao redor

por Uila Garcia

Pensar e refletir são gestos humanos simples e espontâneos. Embora distintos, aqui os entendemos como o exercício de processar e reorganizar imagens em nossa memória e mente para construir uma noção da realidade. Contudo, esse processo se torna artificial à medida que o cotidiano é codificado. Nossas agendas lotadas e objetivos predefinidos acabam por ordenar as imagens e limitar o pensar como via. É essa limitação que explica, por exemplo, a indiferença à taxa de mortalidade em uma região, ou a incapacidade de se questionar sobre os próprios sonhos. A arte nos ajuda a pensar e a produção artística contemporânea, em diálogo com as grandes exposições internacionais, tem assumido o tom informativo-reflexivo da plasticidade da forma. Seu caráter pedagógico, entretanto, é tão antigo quanto os registros mais antigos da humanidade. O artista visual Alan Oju (1985) se vale desse atributo ao nos convidar a observar o entorno. Natural de Santo André, região metropolitana de São Paulo, toma o espaço urbano como tema central de sua proposta estética. Esse tema, aliás, é antigo na história da arte: a pintura de paisagem é talvez o exemplo mais conhecido do interesse pela observação do espaço habitado. Oju, no entanto,

abdica do figurativo e encaminha seus desenhos para uma vertente próxima do abstrato, sem abrir mão do símbolo e do ícone, estreitando as fronteiras entre as categorias. Mais ainda: presentifica seu tema empiricamente. A matéria é seu principal discurso, como veremos.

Se a feitura e a apreciação da arte se sustentam no verbo pensar, o convite de Oju a refletir sobre as cidades é também um convite a observá-las. Ao aceitarmos sua proposta para perceber o espaço urbano, somos levados a rever códigos ordinários, acordos coletivos e imagens repetidas. Sua série fotográfica Janelas (2014), embora não esteja presente no 34º Programa de Exposições do CCSP, exemplifica bem esse discurso estético. Utilizando muros como parede expositiva, Oju emoldura as paisagens atrás deles, criando literalmente uma janela no concreto. O resultado ironiza o muro, zombando de sua funcionalidade básica: barrar a passagem do olhar. Isso faz você pensar no muro?

Para a mostra cujo catálogo você tem em mãos, Oju prossegue a investigação perceptiva do espaço ao redor, acentuando sua materialidade e simbologia. Ele cita a cidade indiretamente, é verdade, mas a comprehende como camada de um todo mais amplo, anterior e intencional. Por isso, muitas vezes podemos

defini-lo enquanto abstrato. Defendo que sua posição temporal, no século XXI, se vale da abstração inerente à própria realidade contemporânea. Suas linguagens se tornam legíveis justamente quando reconhecemos a máquina urbana e seus sistemas operacionais em ação.

Desde o século passado, os espaços urbanos transformam-se em grande velocidade. Em alguns casos, essas metamorfoses ultrapassam o tempo de uma geração, adquirindo novos formatos a cada ano. Assim, uma cidade pode se modificar, “envelhecendo” antes de muitas pessoas. É comum que imigrantes não reconheçam suas regiões natais ao regressarem, mesmo após poucos anos. Instalações de grandes franquias, reformas, viadutos, prédios, rodovias, asfaltamento, postes, sinalizações, construções e demolições, desalojamentos, ocupações, alterações de ruas e monumentos... Ironia: o concreto, símbolo de resistência e permanência, adquire, na paisagem pós-moderna, moldes efêmeros. A funcionalidade se funde ao apelo da grande máquina estética da construção civil.

Não é possível pensar os espaços coletivos sem mencionar seu aspecto público. O que significa algo “público” no espaço coletivo? Pertence a todas? Etimologicamente, o espaço público se diferencia do privado porque define o que pertence a cada

um e o que pertence a todos. Uma casa é privada; uma praça, pública. Um carro é transporte privado; um ônibus, público. Em outras palavras, a cidade se estrutura a partir da distribuição dos pronomes possessivos: meu apartamento, sua kitnet. Seu avião, minha bicicleta. Meu quintal, nossa rua.

Considerar uma cidade é, portanto, reconhecer as diversas esferas públicas e privadas que se tornam palpáveis quando as individualidades circulam por ela. O aspecto público só ganha forma na medida em que o privado também o faz.

Retornar a Alan Oju, nesse ponto, reforça a relação entre perceber e pensar que abre esse texto. Entre suas obras expostas no CCSP, destaca-se Dispositivos (2024): uma instalação de manta vinílica, eletrodutos, conectores e concreto, organizada de modo a permitir passagens por dentro dela. O conjunto remete a um mastro. De baixo para cima: cimento cru em base quadrada, eletrodutos que sobem em linha reta, uma curva de 90° e, no topo, mantas. Cada uma possui formato e desenho distintos, evocando bandeiras. O conjunto de esculturas cria um campo com profundidade, vazamento e circulação.

Além da referência direta à construção civil, Oju reforça seu discurso sobre as cidades, adicionando um viés semiótico.

Embora a bandeira seja o signo mais evidente, o cimento logo se revela peça-chave. Bandeira e cidade se conectam por eletrodutos. Numa espécie de vexilologia artística, o artista explora signos e associações entre Estado e fronteira, muro e casa, cidade e país.

No conjunto Anacrônicos (2024), formas semelhantes retornam fixadas em blocos de concreto. O artista pinta o cimento, criando uma espécie de baixo-relevo que lembra bandeirinhas juninas. De menor escala e fixadas na parede, as peças funcionam como catálogo de formas, em diálogo com Dispositivos.

Em um outro conjunto de peças feitas por Oju, também ausente da presente exposição, Ecos (2024), a lógica anterior se repete, mas os desenhos são mais abstratos e dinâmicos, lembrando relâmpagos ou frequências cardíacas. Nesta série, o concreto divide espaço com a massa acrílica, que cria relevos sobrepostos ao bloco. O efeito, obtido por impressão direta, remete à xilogravura. O conjunto amplia as possibilidades de leitura, já que é comumente exibido expondo as impressões e matrizes. Para o 34º Programa de Exposições do CCSP optou-se por incluir apenas as matrizes, intensificando o uso do baixo relevo nas modulações das formas no concreto, como um côncavo desenhado.

Assim, reafirmo: Oju traz o tema da cidade para a materialidade de suas obras e para a construção de signos do espaço urbano. A presença constante do concreto é prova disso. Mais ainda, ele desvia habilmente o conceito de “cidade” para além da paisagem visível, revelando-a como máquina de signos. No prédio do Centro Cultural São Paulo, ademais, a proposta expositiva aqui comentada ganha camadas de diálogo com a arquitetura do local, seja pelas semelhanças do concreto cru nas paredes e pilares, ou mesmo pelo diálogo direto com a rua por meio da transparência das paredes de vidro. Ou seja, o conjunto da instalação e das duas séries resultam num tipo de instalação maior, reafirmando e conectando as linguagens individuais das peças com o todo que formam.

Pensar, proponho enfim, é um contínuo deslocamento da percepção. Na obra de Alan Oju, esse pensamento se torna tátil e simbólico: é o ato de recortar a realidade e reorganizar seus elementos em novas chaves de leitura. Ao nos convidar a atravessar, circular e reconhecer signos em objetos ordinários, o artista nos apresenta não apenas um comentário sobre a cidade, mas um método — um modo de pensá-la pela via das formas, materiais e signos que nela se acumulam.

*Texto produzido para o catálogo do 34º Programa de Exposições do CCSP.



Anacrônicos, 2024

Concreto e tinta latex



Anacrônicos, 2024 (#12)

Concreto e tinta latex • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Detalhe #12



Anacrônicos, 2024 (#11)
Concreto e tinta latex • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Anacrônicos, 2024 (#10)

Concreto e tinta latex • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Anacrônicos, 2024 (#09)
Concreto e tinta latex • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Anacrônicos, 2024 (#07)
Concreto e tinta latex • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Anacrônicos, 2024 (#02)
Concreto e tinta latex • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Anacrônicos, 2024 (#06)

Concreto e tinta latex • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Detalle #06



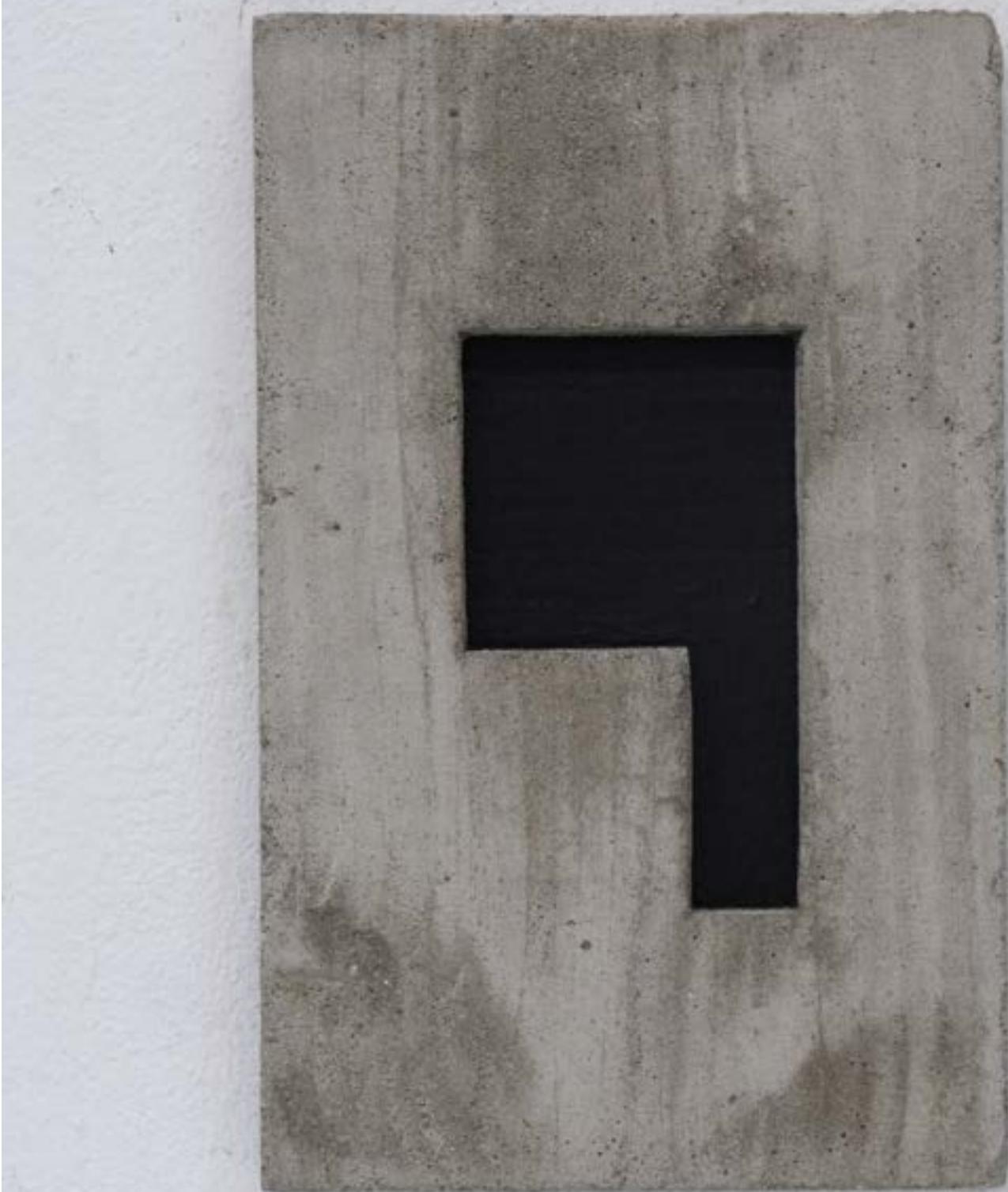
Anacrônicos, 2024 (#05)

Concreto e tinta latex • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Anacrônicos, 2024 (#03)

Concreto e tinta latex • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Anacrônicos, 2024 (#04)

Concreto e tinta latex • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Anacrônicos, 2024 (#08)

Concreto e tinta latex • 24,5 x 39 x 3,5 cm

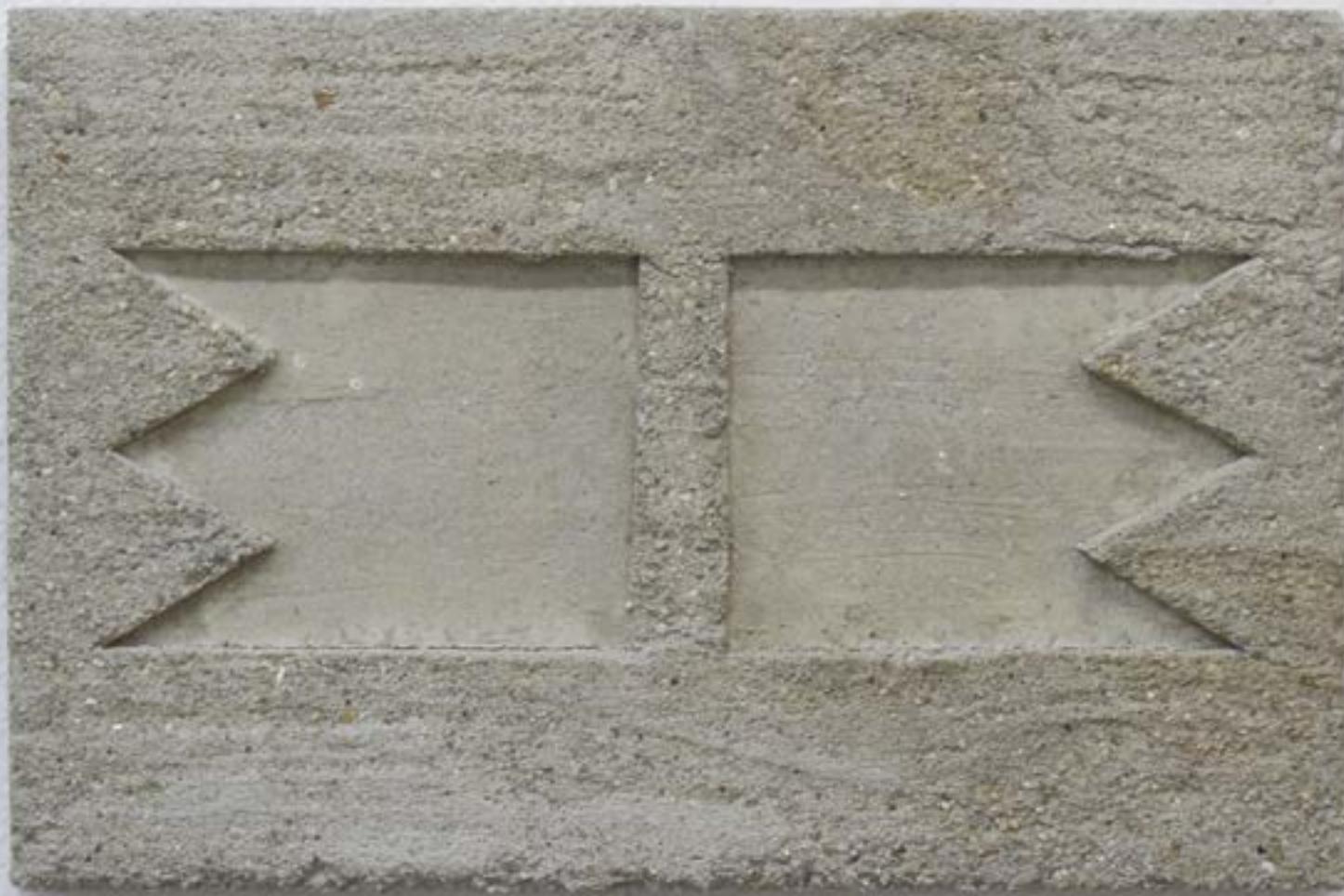


Anacrônicos, 2024 (#01)

Concreto e tinta latex • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Matrizes, 2025
Concreto



Matrizes, 2025 (#04)

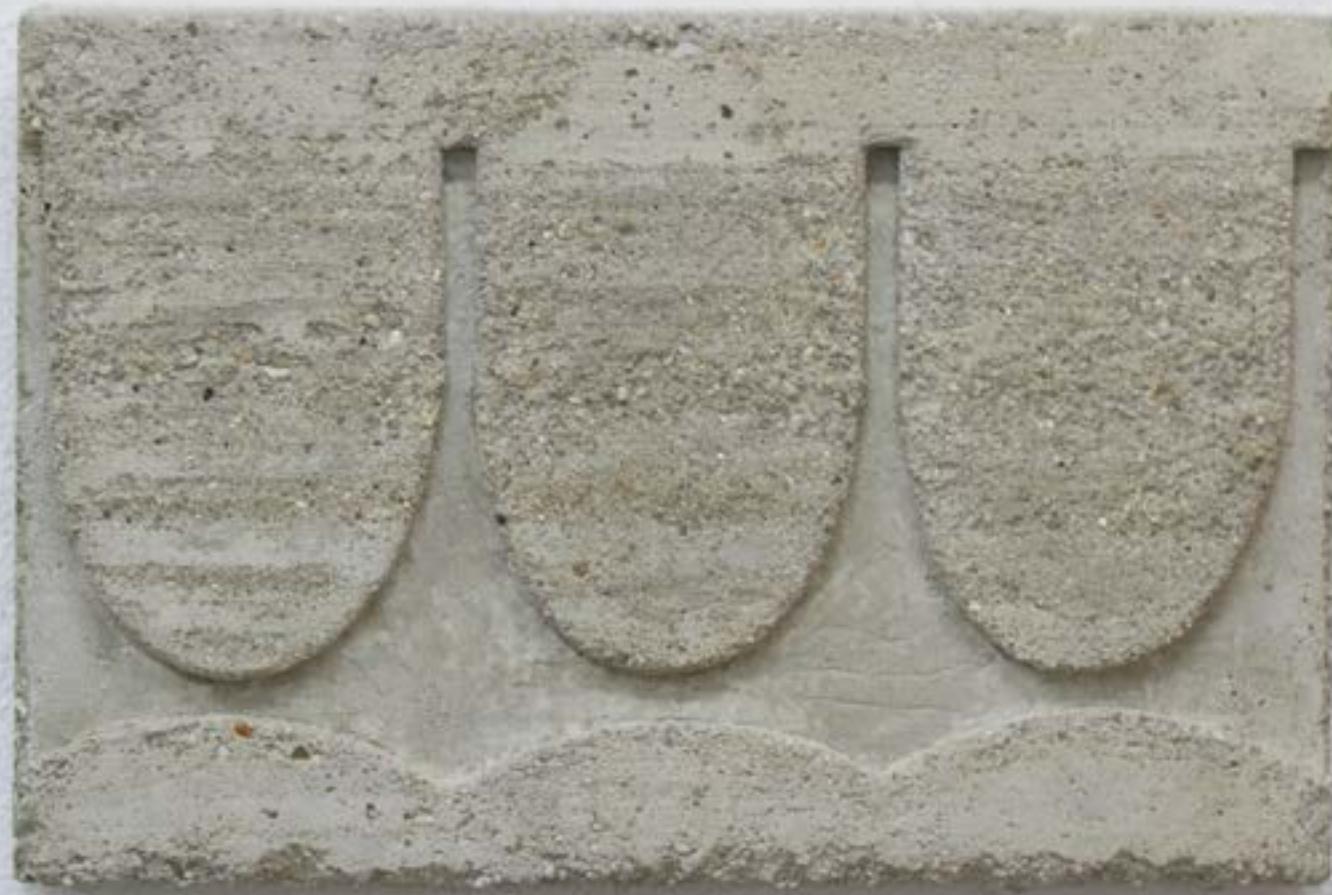
Concreto • 24,5 x 39 x 3,5 cm





Matrizes, 2025 (#07)

Concreto • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Matrizes, 2025 (#06)

Concreto • 24,5 x 39 x 3,5 cm



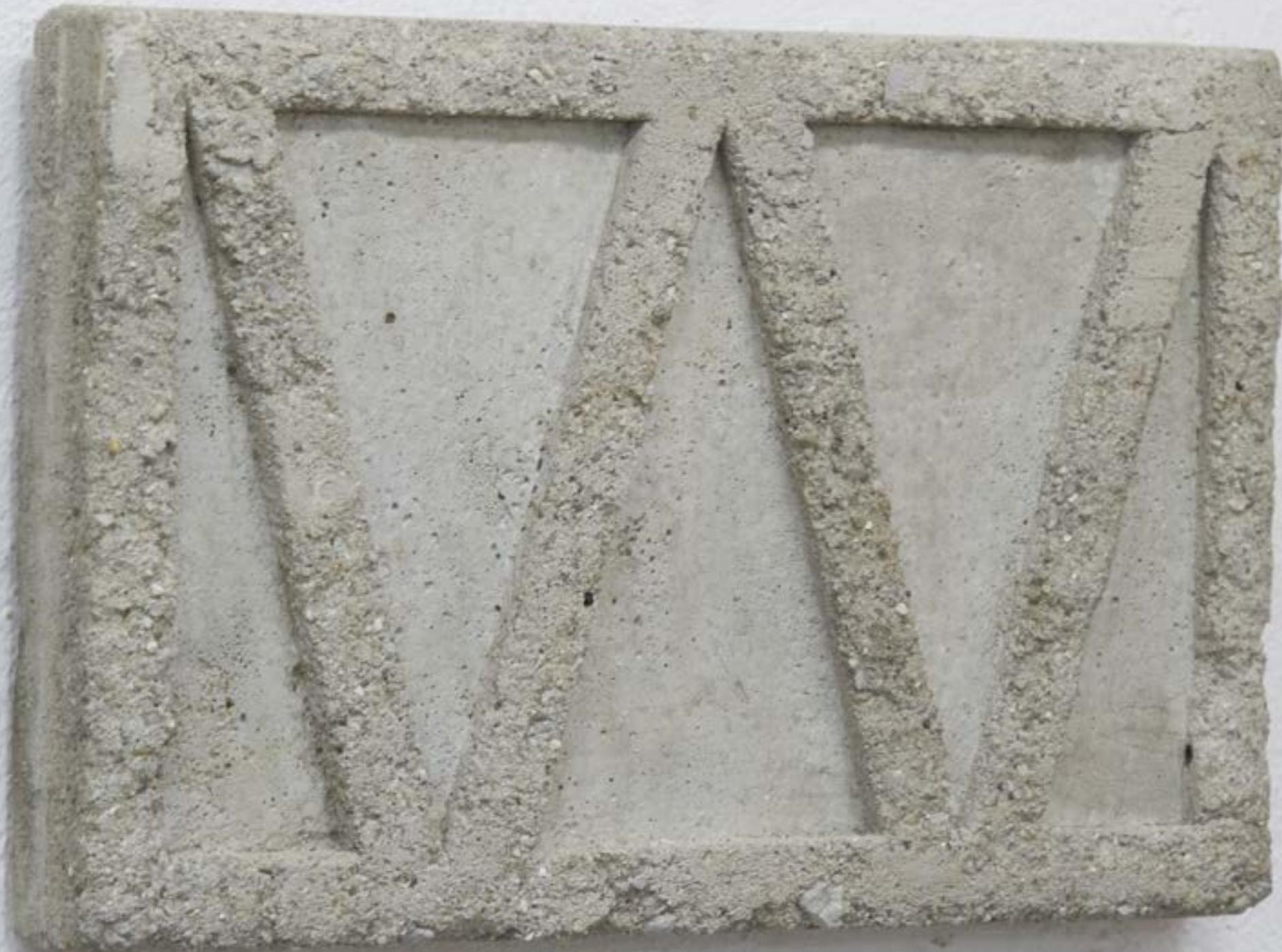
Matrizes, 2025 (#09)

Concreto • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Matrizes, 2025 (#02)

Concreto • 24,5 x 39 x 3,5 cm





Matrizes, 2025 (#12)

Concreto • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Matrizes, 2025 (#03)

Concreto • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Matrizes, 2025 (#08)

Concreto • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Matrizes, 2025 (#01)

Concreto • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Matrizes, 2025 (#10)

Concreto • 24,5 x 39 x 3,5 cm



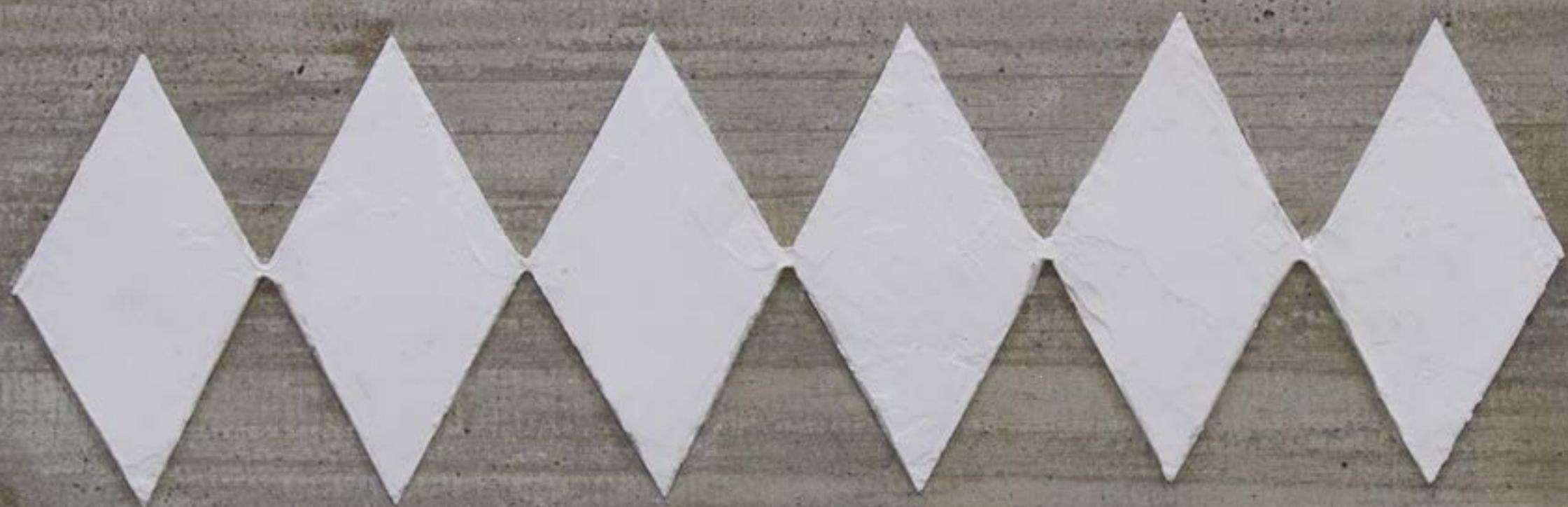
Matrizes, 2025 (#05)

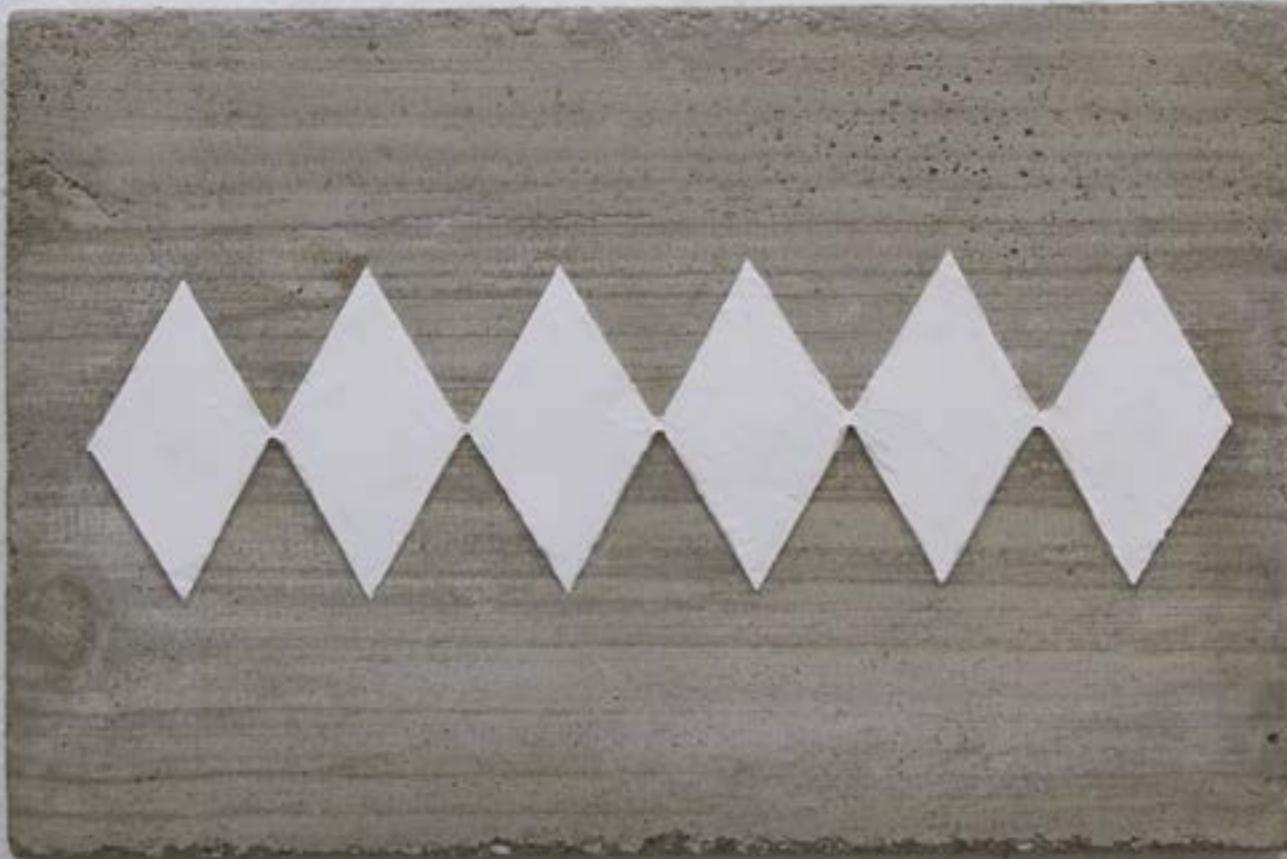
Concreto • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Matrizes, 2025 (#11)

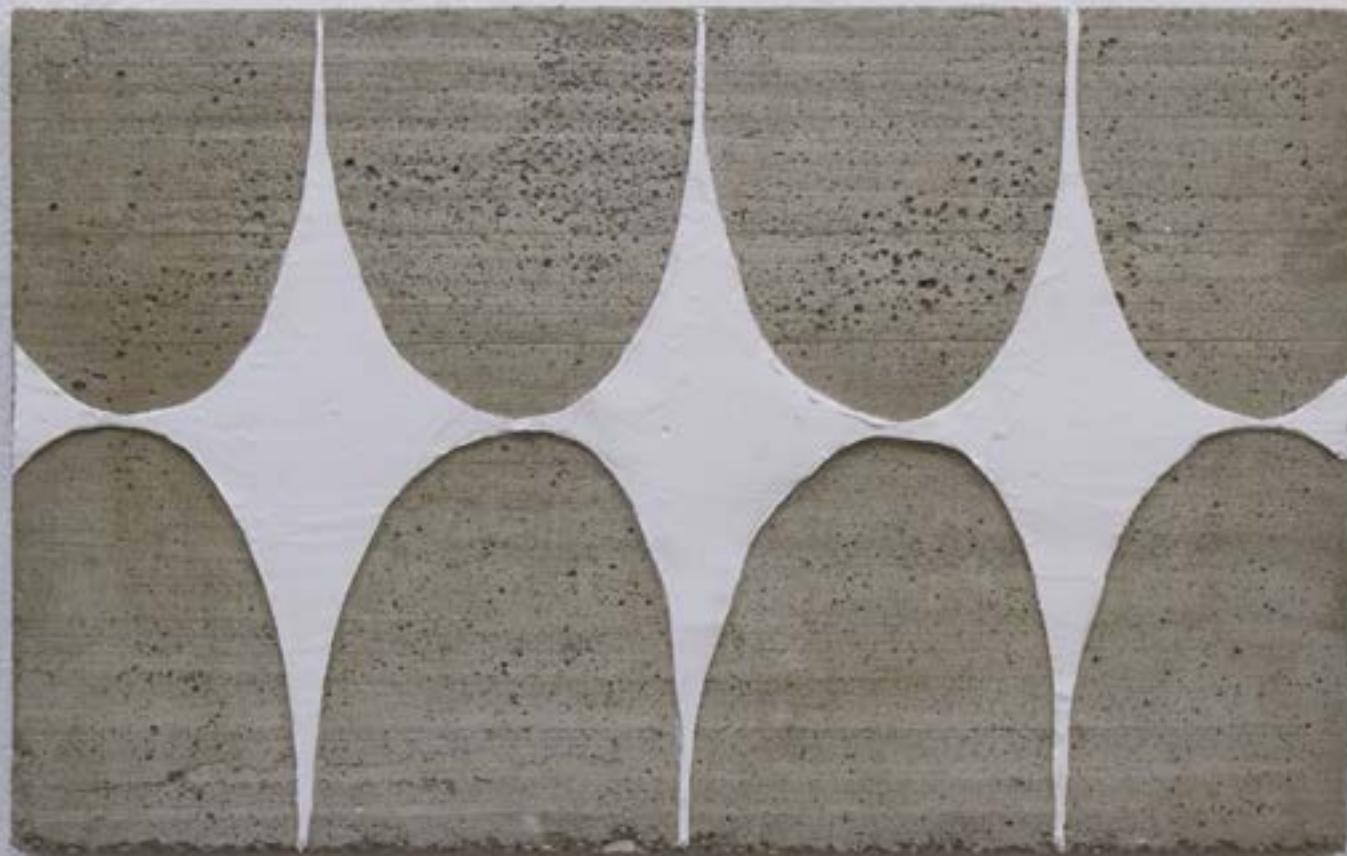
Concreto • 24,5 x 39 x 3,5 cm





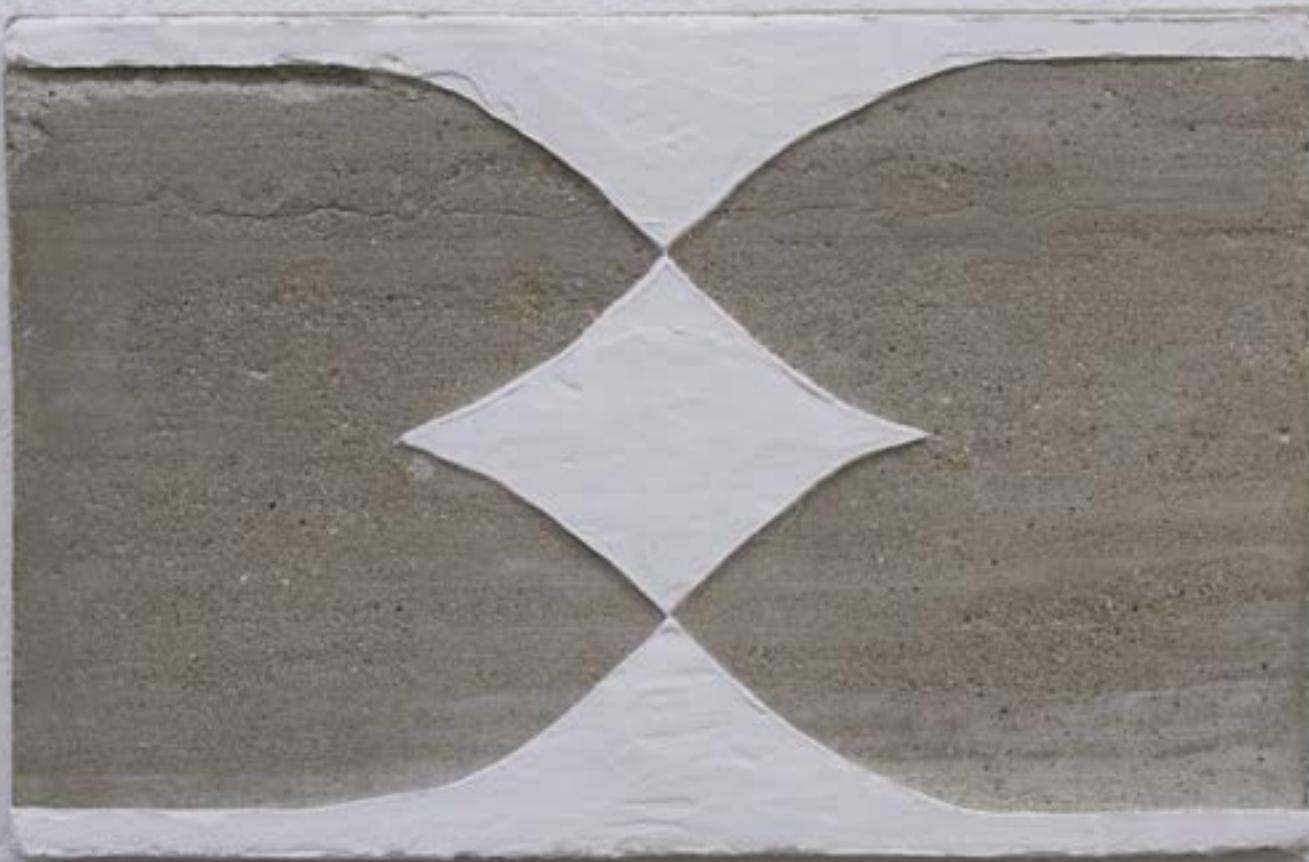
Ecos, 2024 (#06)

Concreto e massa acrílica • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Ecos, 2024 (#05)

Concreto e massa acrílica • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Ecos, 2024 (#07)

Concreto e massa acrílica • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Ecos, 2024 (#10)

Concreto e massa acrílica • 24,5 x 39 x 3,5 cm



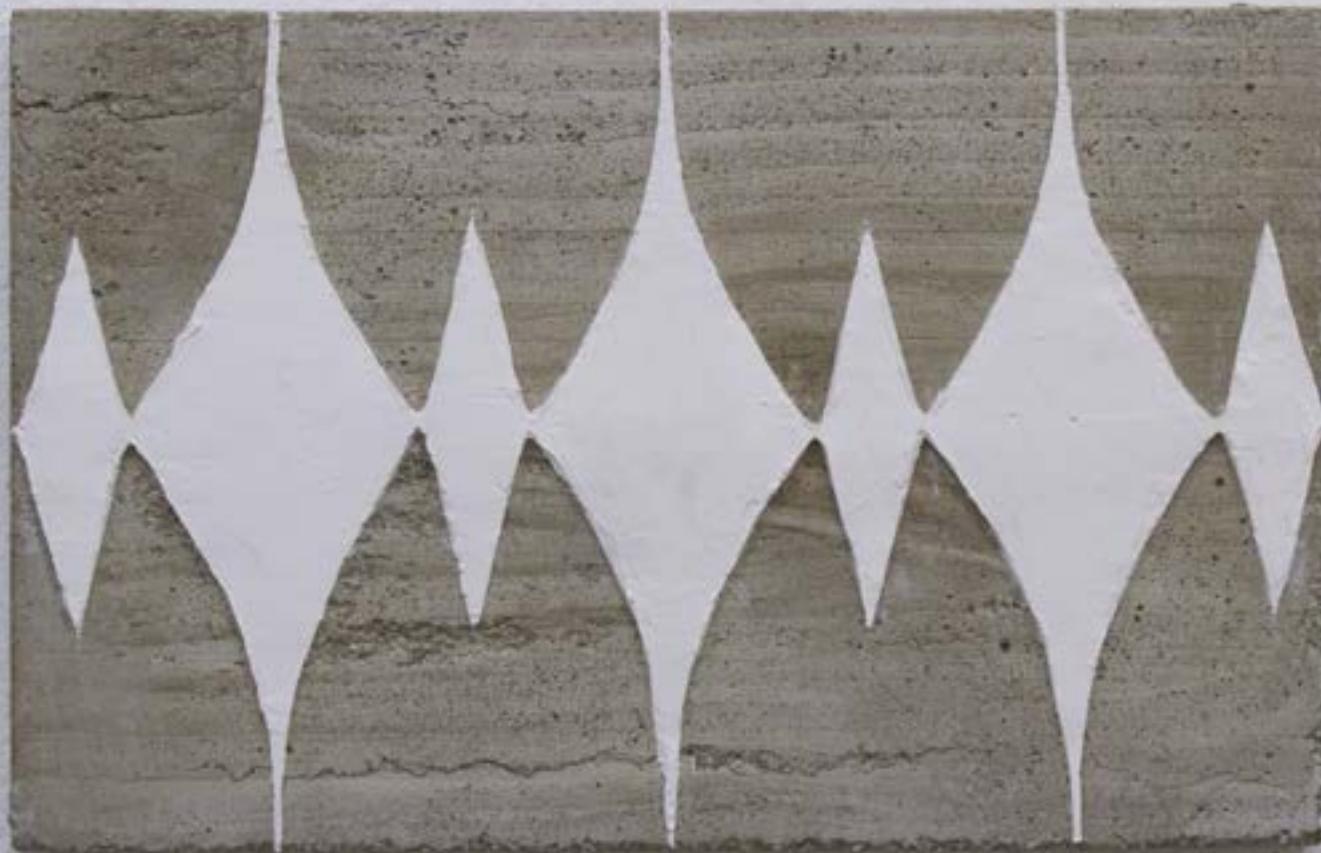
Ecos, 2024 (#11)

Concreto e massa acrílica • 24,5 x 39 x 3,5 cm



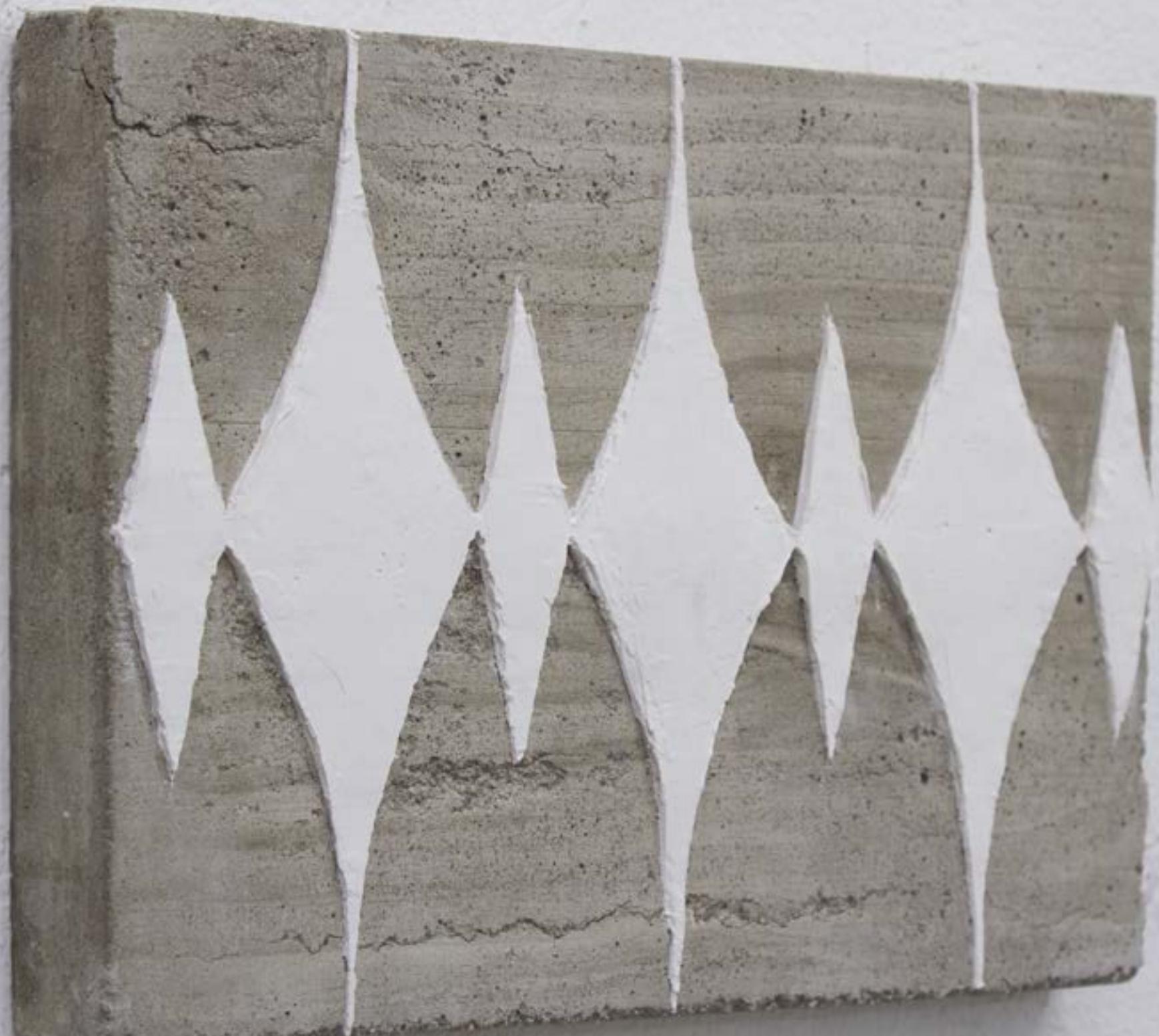
Ecos, 2024 (#12)

Concreto e massa acrílica • 24,5 x 39 x 3,5 cm



Ecos, 2024 (#08)

Concreto e massa acrílica • 24,5 x 39 x 3,5 cm



ALAN OJU

Santo André - SP, 1985 - Vive e trabalha em São Paulo.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- 2025 – Dispositivos
Centro Cultural São Paulo / São Paulo – SP
- 2022 – Desejos Ltda.
MUNA – Museu Universitário de Artes / Uberlândia – MG
- 2018 – Paisagem urbana: frestas, fricções e descaminhos
EdA - Espaço das Artes USP / São Paulo – SP
- 2015 – Fragmentos
Oficina Cultural Oswald de Andrade / São Paulo – SP

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 2025 – En-Contra-Tempos
Espaço das Artes USP / São Paulo – SP
- 2025 – Acervo Rotativo
Centro Cultural SESI Ribeirão Preto / Ribeirão Preto – SP
- 2025 – Abraço Coletivo
Canteiro / São Paulo – SP
- 2024 – Arte Imprópria
Biblioteca Obras Raras - MAV Unicamp / Campinas – SP
- 2024 – Eco Ocê
Quase / São Paulo – SP
- 2024 – Refundação
Museu da Inconfidência / Ouro Preto – MG
- 2024 – Polissemia Política
Arte Londrina DAP-UEL / Londrina – PR

- 2024 – Acervo Casa do Olhar Luiz Sacilotto
Festival de Fotografia de Paranapiacaba/ Santo André – SP
- 2023 – Quando somos muitos sonhando acordados
Museu Casa Padre Toledo / Tiradentes – MG
- 2023 – Meu lugar - Itinerâncias MAR - Museu de Arte do Rio
Praça Chico Mendes / Rio de Janeiro – RJ
- 2023 – Exposição-leilão ali:leste
Auroras / São Paulo – SP
- 2023 – 48º SARP – Salão de Arte de Ribeirão Preto
MARp – Museu de Arte de Ribeirão Preto / Ribeirão Preto – SP
- 2023 – Fetiche: Retrato
Galeria Nonada / Rio de Janeiro – RJ
- 2023 – Diálogos a partir do Acervo
MARp - Museu de Arte de Ribeirão Preto / Ribeirão Preto – SP
- 2023 – Superfície Matéria (Densidade Identitária)
Galeria Nonada / São Paulo – SP
- 2023 – Refundação
Galeria ReOcupa - Ocupação 9 de Julho / São Paulo – SP
- 2022 – Atravessar o presente
ESDI-UERJ / Rio de Janeiro – RJ
- 2022 – A palavra: Verso
Galeria Nonada / Rio de Janeiro – RJ
- 2022 – O encontro é um lugar impossível
Centro Cultural dos Correios / São Paulo – SP
- 2022 – Estamos Aqui (com coletivos: ali:leste, aparelhamento e mútua)
SESC Pinheiros / São Paulo – SP
- 2021 – BIENALSUR: Arquitecturas efímeras
Espacio de Arte Contemporáneo / Montevideo – Uruguay

2021 – 49 Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilotto
Paço Municipal / Santo André – SP

2021 – Acervo Rotativo - Módulo 1/3
Oficina Cultural Oswald de Andrade / São Paulo – SP

2021 – Festival Rio Grande Photofluxo
Espaço público / Porto Velho – RO

2021 – Ideias (In)adequadas para questões (in)apropriadas
Atelier Paulista / São Paulo – SP

2021 – Ninguém vai tombar nossa bandeira
Espaço público / São Paulo – SP

2020 – Casa Carioca
MAR – Museu de Arte do Rio / Rio de Janeiro – RJ

2020 – Não há ninguem aqui
Centro de Arte Contemporânea W / Ribeirão Preto – SP

2020 – AO AR, LIVRE.
Espaço público / ABC e São Paulo – SP

2019 – Do Que Se Guarda - Projeto: Limite
MARP – Museu de Arte de Ribeirão Preto / Ribeirão Preto – SP

2019 – 26º Salão de Artes Plásticas de Praia Grande
Palácio das Artes / Praia Grande – SP

2019 – 16º Salão de Artes Visuais de Ubatuba
FundArt / Ubatuba – SP

2019 – 44º SARP – Salão de Arte de Ribeirão Preto
MARP – Museu de Arte de Ribeirão Preto / Ribeirão Preto – SP

2019 – Muros
Festival de Fotografia de Paranapiacaba / Santo André - SP

2018 – I Bienal da USP
Espaço das Artes USP / São Paulo – SP

2017 – 15º Programa de Exposições
MARP – Museu de Arte de Ribeirão Preto / Ribeirão Preto – SP

2017 – Festival La Plataformance
Espaço público / São Paulo – SP

2016 – 24º Visualidade Nascente
Centro Universitário Maria Antonia / São Paulo – SP

2016 – Arte Londrina 4
DAP-UEL / Londrina – PR

2016 – (In)Corporatura
Galeria Monica Filgueiras / São Paulo – SP

2014 – Sobre Lugares e Gestos
MIS – Museu da Imagem e do Som / São Paulo – SP

2014 – 25ª Mostra de Arte da Juventude
SESC Ribeirão Preto / Ribeirão Preto – SP

EXPOSIÇÕES ON-LINE

2021 – Ambivalente (individual)
Iniciativa Independente
<http://www.ambivalente.art>

2021 – Percursos, Desejos e Diluição (individual)
MUNA - Museu Universitário de Artes
<http://www.muna.ufu.br/>

2020 - Festival Arte como Respiro: Audiovisual (Coletiva)
Itaú Cultural
<https://www.itaucultural.org.br/olhares-para-dentro-parte-festival-arte>

PRÊMIOS

2021 – Iniciativa Cultural
Secretaria de Cultura de Santo André – SP

2020 – Arte Como Respiro – Audiovisual
Itaú Cultural – SP

2020 – Prêmio Aquisição – Lei Aldir Blanc
Secretaria de Cultura de Santo André – SP

2019 – 1º Prêmio - Foto Única
Festival de Fotografia de Paranapiacaba – SP

2016 – Programa Nascente – Artes Visuais
Pró-reitoria Universidade de São Paulo – SP

RESIDÊNCIAS

2020 – Meios e Processos
FAMA – Fundação Marcos Amaro / Itú – SP

2019 – Laboratório OMA – Artes Visuais
OMA Galeria / São Bernardo do Campo – SP

2014-15 – Programa Mergulho Artístico
Oficina Cultural Oswald de Andrade / São Paulo – SP

2013-14 – Residência em Fotografia LABMIS
MIS – Museu da Imagem e do Som / São Paulo – SP

EDUCAÇÃO

2018 – Mestrado em Poéticas Visuais
ECA - Universidade de São Paulo / São Paulo – SP

2008 – Licenciatura e Bacharelado em História
FAFIL - Fundação Santo André / Santo André – SP

ACERVOS PÚBLICOS

Casa do Olhar Luiz Sacilotto - SP
MAR – Museu de Arte do Rio - RJ
MARP – Museu de Arte de Ribeirão Preto - SP
MiN – Museu da Inconfidência - Ouro Preto - MG
MUnA - Museu Universitário de Arte - MG
MUNTREF - Fundación UNTREF - Buenos Aires - ARG.

REFERÊNCIAS / LINKS

[Entrevista Prêmio PIPA 2023](#)
<https://www.premiopipa.com/alan-oju/>

CONTATOS

alan@jangadacultural.com.br / 11 985528173
www.alanoju.com / @alanoju